

Entre o ritual e o calendário escolar: experiências formativas de jovens indígenas em circulação entre aldeia e cidade

Cassiana Oliveira da Silva Kamikiawa (PPGAS/USP - SEDUC MT)¹

Resumo

Este trabalho apresenta reflexões etnográficas oriundas da pesquisa de doutorado “Entre a escola e a aldeia: etnografia das trajetórias formativas de jovens indígenas em contextos urbanos em Mato Grosso”, desenvolvida junto a jovens indígenas que transitam entre a escolarização urbana e os regimes formativos de seus territórios de origem, no sudeste do estado de Mato Grosso. A investigação acompanha estudantes indígenas matriculados em uma escola pública estadual situada em contexto urbano, próxima a Terras Indígenas dos povos A’uwê/Xavante, Boe Bororo e Kurâ-Bakairi, focalizando suas trajetórias, práticas cotidianas e modos de negociação entre diferentes formas de produzir pessoas, saberes e pertencimentos. A partir de uma abordagem etnográfica baseada na convivência, na escuta e no acompanhamento de deslocamentos entre cidade e aldeia, o trabalho analisa a coexistência e a tensão entre a temporalidade escolar urbana e os ciclos rituais indígenas. A atenção se concentra na participação de adolescentes A’uwê/Xavante no ritual de iniciação Danhônô, um complexo cerimonial que articula corporalidade, ética, memória e ancestralidade, constituindo um regime próprio de formação. O retorno periódico desses jovens à aldeia para vivenciar o ritual produz deslocamentos significativos nas rotinas escolares, acionando negociações institucionais, disputas em torno da legitimidade das ausências e questionamentos sobre o que conta como aprendizagem reconhecida. A etnografia evidencia que o trânsito entre escola e aldeia não implica ruptura identitária ou abandono de vínculos comunitários, mas a produção de experiências formativas situadas em um “entre-mundos”, no qual diferentes regimes de conhecimento e autoridade convivem de forma assimétrica. As narrativas dos jovens interlocutores revelam modos próprios de articular a aprendizagem ritual — vivida com o corpo, a coletividade e o território — e a escolarização urbana, frequentemente marcada por lógicas universalizantes e pela dificuldade de reconhecer saberes indígenas como constitutivos da formação. Ancorado na interculturalidade crítica e em perspectivas decoloniais, o trabalho propõe compreender a escola não como espaço hegemônico de formação, mas

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS USP). Bolsista pela CAPES. Professora da Educação Básica Sociologia – SEDUC MT. Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano:2026).

como um dos polos de um campo mais amplo de produção de sujeitos indígenas contemporâneos. Ao tomar o ritual e as experiências indígenas como chaves analíticas, o estudo contribui para os debates antropológicos sobre circulação aldeia–cidade, juventudes indígenas, regimes de formação e cosmopolítica, deslocando a educação do lugar normativo para pensá-la como experiência vivida e disputada.

Palavras-chave: Etnografia; Formação de pessoa; Danhõnõ.

1. Entre o ritual e o calendário escolar: a etnografia como ponto de partida

Em abril de 2025, enquanto jovens A'uwẽ Uptabi pertencentes à classe de idade Tsadaró regressavam à Terra Indígena Sangradouro/Volta Grande para integrar uma etapa decisiva do Danhõnõ, o próprio campo etnográfico começava a ser redefinido pelos interlocutores da pesquisa. Entre aqueles que regressavam ao território encontravam-se estudantes matriculados em escolas indígenas e em escolas urbanas de diferentes municípios do leste mato-grossense. Para esses jovens, o deslocamento não significava um retorno a um lugar do qual estivessem afastados, mas a continuidade de relações permanentemente cultivadas com suas comunidades, agora reorganizadas segundo a temporalidade própria do Danhõnõ.

Essa percepção tornou-se possível porque a pesquisa acompanhou os interlocutores para além do espaço escolar. Permanecer na aldeia durante o Danhõnõ significou observar que a formação dos jovens não se restringia aos momentos cerimoniais mais visíveis. Como explica Everson Ruruuwẽ A'êdzane², "lá nesse ritual a gente aprende a ter um conhecimento da natureza [...] porque lá nesse ritual a gente precisava aprender mais coisas, ter uma experiência [...] não importa onde um Xavante morava, mas ele era obrigado a chegar para participar do ritual, porque faz parte da cultura". Sua narrativa evidencia que o Danhõnõ não é compreendido pelos próprios A'uwẽ Uptabi como uma interrupção da vida cotidiana ou da escolarização, mas como um processo de aprendizagem indispensável à constituição da pessoa. A aprendizagem ocorre pela participação nas atividades coletivas, pela convivência com os mais velhos,

² Estudante secundarista, indígena A'uwẽ Uptabi (Xavante), da E.E. Alda G. Scopel. Entrevista realizada em 29 de nov. de 2025, Primavera do Leste, MT.

pela experiência corporal e pelas responsabilidades assumidas ao longo do processo ritual.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de Clarice Cohn (2005; 2015), para quem aprender constitui um processo inseparável da vida social, realizado por meio da participação, da observação e da incorporação gradual de responsabilidades. A etnografia desenvolvida junto aos jovens A'uwẽ Uptabi amplia esse debate ao evidenciar que tais processos permanecem estruturando a formação também durante a juventude, no contexto do Danhõnõ.

Ao recordar sua própria experiência ritual, Everson afirma que, após sua conclusão, "as coisas voltavam ao normal [...] eu já seguia um processo de ser adulto". A observação é significativa porque indica que, do ponto de vista dos interlocutores, o Danhõnõ não se encerra com o término das cerimônias. Seus efeitos continuam produzindo novas responsabilidades, formas de agir e modos de pertencimento que acompanham os jovens também quando regressam à escola.

Aquele movimento mobilizava muito mais do que os aproximadamente 470 jovens constituídos como membros da classe de idade Tsadaró. Pais, mães, padrinhos, madrinhas, anciãos, lideranças e demais familiares assumiam papéis fundamentais na condução desse processo, evidenciando que a formação dos iniciados constitui um acontecimento coletivo vivido por toda a comunidade.

Entretanto, esse não era o ponto de partida da pesquisa. O trabalho de campo havia sido concebido para acompanhar estudantes indígenas matriculados na Escola Estadual Professora Alda Gawlinski Scopel, em Primavera do Leste (MT), buscando compreender suas trajetórias formativas em contexto urbano. Durante as primeiras aproximações etnográficas, porém, os próprios estudantes anunciaram que regressariam à Terra Indígena Sangradouro/Volta Grande para participar do Danhõnõ e convidaram a pesquisa a acompanhá-los nesse percurso. Aquele convite constituiu um verdadeiro ponto de inflexão metodológico. Compreender suas trajetórias passou a exigir que o campo ultrapassasse os limites da escola e acompanhasse os percursos definidos pelos próprios interlocutores. Assim, a pesquisa deslocou-se da escola para o território indígena e, posteriormente, retornou com os jovens ao contexto escolar, seguindo os movimentos por meio dos quais eles próprios organizavam suas experiências formativas. Esse acompanhamento ocorreu a convite dos estudantes e de seus familiares, com a anuência

do cacique e das lideranças da aldeia, consolidando uma inserção etnográfica construída por relações de confiança.

Embora o Danhõnõ mobilizasse estudantes provenientes de diferentes escolas e municípios, acompanhei de forma sistemática os seis estudantes A'uwẽ Uptabi matriculados na Escola Estadual Professora Alda Gawlinski Scopel. O acompanhamento de seus percursos antes do regresso ao território, durante o período ritual e após o retorno às atividades escolares, aliado à permanência na Terra Indígena Sangradouro/Volta Grande, possibilitou observar não apenas a experiência dos iniciados, mas também a participação de familiares, padrinhos, madrinhas, anciãos e lideranças, evidenciando que os processos de formação ultrapassam amplamente a experiência individual e somente podem ser compreendidos no interior das relações que constituem a vida coletiva A'uwẽ Uptabi.

Ao longo desse percurso tornou-se evidente que aquilo que, do ponto de vista da escola, era registrado como ausência, interrupção do calendário letivo ou necessidade de recomposição das aprendizagens correspondia, na perspectiva A'uwẽ Uptabi, a uma das etapas mais significativas da formação social daqueles jovens. O problema etnográfico deixou, então, de ser compreender como estudantes indígenas conciliavam escola e ritual. A questão passou a ser outra: como interpretar trajetórias formativas quando diferentes processos de aprendizagem e de formação atribuem sentidos distintos ao tempo, à autoridade e à constituição da pessoa?

É desse deslocamento que parte este artigo. Em vez de tomar a escola ou o Danhõnõ como referências explicativas isoladas, proponho acompanhar os percursos dos próprios interlocutores para compreender como suas trajetórias se constituem na coexistência de diferentes processos de formação. Argumento que essas experiências não podem ser compreendidas como um trânsito entre dois mundos separados, mas como formas simultâneas de engajamento em diferentes temporalidades e modos de produzir conhecimentos, pertencimentos e pessoas. Nessa perspectiva, o calendário escolar deixa de constituir a medida exclusiva da aprendizagem e passa a ser compreendido como uma entre as diversas temporalidades que organizam a vida dos jovens A'uwẽ Uptabi.

2. O Danhõnõ como processo de formação social A'uwẽ Uptabi

Ao acompanhar os jovens durante o período de permanência na Terra Indígena Sangradouro/Volta Grande, tornou-se evidente que o Danhõnõ não poderia ser

compreendido apenas como uma cerimônia realizada em determinados momentos do ciclo ritual. A convivência cotidiana na aldeia revelava modos de constituição da pessoa muito mais amplo, cuja temporalidade ultrapassava a entrada dos iniciados na reclusão e se estendia para além do encerramento das atividades rituais. O que se produzia naquele contexto não era apenas a participação em um ritual, mas a constituição gradual de pessoas, responsabilidades e pertencimentos que organizam a vida coletiva A'uwê Uptabi.

Essa percepção tornou-se possível porque a pesquisa acompanhou os interlocutores para além do espaço escolar. Permanecer na aldeia durante o Danhõnõ significou observar que a formação dos jovens não se restringia aos momentos cerimoniais mais visíveis. Ela se realizava também na convivência cotidiana, nos ensinamentos transmitidos pelos mais velhos, nas orientações dos padrinhos, na participação das famílias, na circulação entre diferentes espaços da aldeia e nas inúmeras relações que sustentavam a vida coletiva. A formação da classe de idade Tsadaró não dizia respeito apenas aos iniciados. Mobilizava pais, mães, padrinhos, madrinhas, anciãos, lideranças e outros familiares, reafirmando compromissos que ultrapassavam a experiência individual dos jovens.

Essa aprendizagem se realiza por meio da participação contínua nas atividades coletivas. Como explica o professor Oswaldo Buruwe³, “tudo se aprende na vida vendo as coisas”. Ao descrever os ensaios, as corridas, as caçadas e a preparação dos padrinhos e madrinhas, Buruwe evidencia que a aprendizagem ocorre na própria participação dos jovens nas atividades da coletividade. Os futuros iniciados “serão novos guerreiros, novos caçadores, novos padrinhos”, constituindo-se gradualmente pelas responsabilidades assumidas ao longo do processo ritual.

Foi justamente essa dimensão coletiva que levou a pesquisa a deslocar sua própria compreensão do Danhõnõ. Embora a literatura antropológica frequentemente o descreva como um ritual de iniciação masculina, a experiência etnográfica mostrou que essa definição, embora correta, revela apenas uma parte do fenômeno. No contexto acompanhado, o Danhõnõ apresentava-se como um processo de formação social que articula diferentes gerações, produz responsabilidades coletivas e participa da constituição da pessoa A'uwê Uptabi. Sua importância não se limitava ao momento ritual,

³ Ancião e vice-cacique da aldeia Sangradouro, TI Sangradouro/Volta Grande. Entrevista realizada em 20 de jul. de 2025, TI Sangradouro, General Carneiro, MT.

mas se expressava na maneira como reorganizava o cotidiano da comunidade e orientava a formação dos jovens.

Essa dimensão coletiva da formação também dialoga com as reflexões de Aracy Lopes da Silva (2002), para quem os processos educativos indígenas não podem ser compreendidos como uma esfera separada da vida social. A formação da pessoa ocorre no interior das relações de parentesco, da participação nas atividades cotidianas, da circulação entre gerações e da construção progressiva de responsabilidades. A experiência acompanhada nesta pesquisa evidencia que o Danhõnõ integra esse conjunto de práticas por meio das quais a coletividade participa ativamente da constituição da pessoa A'uwẽ Uptabi.

Essa compreensão encontra ressonância na etnografia de Paulo Sérgio Delgado (2008), que descreve o Danhõnõ como um complexo processo ritual articulado à organização social A'uwẽ Uptabi, envolvendo as classes de idade, a Hö (casa dos adolescentes), diferentes especialistas rituais e uma sequência de cerimônias distribuídas ao longo de vários anos. Longe de constituir um acontecimento isolado, o Danhõnõ integra um sistema mais amplo de relações que participa da produção da vida social A'uwẽ Uptabi. A etnografia aqui apresentada dialoga com essa interpretação, mas a desloca para outro problema: compreender como esse processo de formação continua produzindo efeitos quando os jovens também participam da escolarização urbana.

A centralidade das classes de idade na organização social A'uwẽ Uptabi já havia sido observada por Maybury-Lewis (1984), cuja etnografia evidenciou a importância dessas categorias na produção das relações sociais e políticas. A presente pesquisa dialoga com essa tradição, mas desloca o foco para compreender como esses processos continuam produzindo efeitos no retorno dos jovens ao contexto escolar urbano.

Se Delgado permite compreender o Danhõnõ como parte da organização social A'uwẽ Uptabi, a etnografia aqui apresentada desloca a discussão para a produção de pessoa. Nesse ponto, o diálogo com Beatriz Perrone-Moisés (2006) torna-se particularmente fecundo ao compreender que a pessoa ameríndia não pode ser pensada como uma entidade previamente constituída, mas como resultado de relações continuamente produzidas ao longo da vida social. Nessa perspectiva, o Danhõnõ não apenas introduz os jovens em uma nova classe de idade; ele participa da constituição de

peças por meio das relações que estabelecem com padrinhos, madrinhas, anciões, famílias e demais integrantes da coletividade.

Foi precisamente essa continuidade que passou a orientar a análise. Ao regressarem para a cidade, os jovens não deixavam para trás o processo formativo vivido no território. O retorno às atividades escolares não representava uma passagem de um universo para outro, nem o encerramento de uma experiência para o início de outra. Os compromissos, aprendizagens, responsabilidades e relações produzidos durante o Danhõnõ continuavam atravessando seu cotidiano, acompanhando-os também na escola. A etnografia evidenciava, assim, que a formação desses jovens não poderia ser compreendida a partir de temporalidades fragmentadas ou de espaços separados, mas por meio da continuidade dos processos que constituem suas trajetórias.

A formação vivida no Danhõnõ não se limita, portanto, à aquisição de conhecimento ou ao cumprimento de etapas rituais. Como sintetiza Elinaldo Tsereaube Tseremoraté⁴, “o objetivo é formar o espírito guerreiro, aprender a lidar com os problemas do mundo, com os problemas da vida”. Desde a infância, acrescenta ele, aprende-se a enfrentar o medo e a compreender que “o tamanho não importa, o que determina é a coragem”. A coragem, nesse contexto, não constitui um atributo individual, mas uma qualidade produzida coletivamente ao longo da formação. Aprender significa, sobretudo, tornar-se capaz de assumir responsabilidades diante da comunidade e enfrentar a vida com honra.

A fala de Tsereaube Tseremoraté desloca a compreensão do Danhõnõ para além da aprendizagem de técnicas ou conhecimentos específicos. Quando afirma que “o objetivo é formar o espírito guerreiro” e que, desde a infância, aprende-se a enfrentar a vida com coragem e honra, evidencia que o processo ritual participa da constituição da própria pessoa A'uwẽ Uptabi. Nesse sentido, a etnografia dialoga com Perrone-Moisés (2006), para quem as formas sociais indígenas se produzem por meio de relações continuamente construídas, nas quais o parentesco, a convivência e a participação coletiva constituem pessoas e coletividades. Ao mesmo tempo, aproxima-se das reflexões de Eduardo Viveiros de Castro (1979) acerca da fabricação social do corpo ameríndio, compreendendo que tornar-se pessoa não corresponde a um estado dado, mas a um

⁴ Liderança A'uwẽ Uptabi (Xavante) da aldeia Sangradouro, TI Sangradouro/Volta Grande. Entrevista realizada em out. de 2025, TI Sangradouro/Volta Grande, General Carneiro, MT.

processo contínuo de produção relacional, corporal e social. O Danhõnõ evidencia precisamente esse movimento: não apenas transmite conhecimentos, mas produz novas posições sociais, responsabilidades e modos de existir no interior da coletividade A'uwẽ Uptabi.

É nesse ponto que emerge a principal questão deste artigo. O retorno à escola não representa o fim do Danhõnõ, mas o encontro entre diferentes processos de formação que continuam atuando simultaneamente sobre a vida dos jovens A'uwẽ Uptabi. Compreender esse encontro exige deslocar o olhar da oposição entre ritual e escola para reconhecer a coexistência de temporalidades, autoridades, formas de aprendizagem e modos de produzir a pessoa que permanecem ativos mesmo após o encerramento das etapas mais visíveis do processo ritual. É justamente essa coexistência que se torna evidente quando os jovens regressam ao contexto escolar urbano.

3. Quando os jovens regressam à escola: temporalidades em negociação

O encerramento das etapas mais visíveis do Danhõnõ não significava o encerramento do processo de formação vivido pelos jovens A'uwẽ Uptabi. Após meses de permanência na Terra Indígena Sangradouro/Volta Grande, os estudantes regressavam às escolas urbanas retomando uma rotina aparentemente conhecida. Entretanto, a etnografia revelou que esse retorno não representava uma simples retomada do calendário letivo interrompido pelo período ritual. Os jovens retornavam à escola trazendo consigo experiências, responsabilidades, aprendizados e relações produzidos ao longo do Danhõnõ, que continuavam orientando suas formas de estar no mundo e de se relacionar com a coletividade.

Essa compreensão encontra importante ressonância na etnografia de Paulo Sérgio Delgado (2008), que demonstra como o Danhõnõ integra um sistema mais amplo de classes de idade e relações rituais que mobiliza toda a coletividade A'uwẽ Uptabi. A pesquisa aqui apresentada converge com essa descrição, mas desloca a análise para um problema distinto: compreender como esse processo de formação continua produzindo efeitos quando os jovens regressam ao contexto escolar urbano.

Ao acompanhar os diferentes atores, espaços e responsabilidades envolvidos no processo ritual, nota-se que sua temporalidade não se esgota no momento da iniciação, mas se prolonga na vida social A'uwẽ Uptabi. Assim sendo, ao acompanhar os jovens em seu retorno à escola, torna-se possível observar que essa continuidade não permanece

restrita ao território indígena. Ela acompanha os estudantes também na cidade, produzindo efeitos sobre suas responsabilidades, formas de aprender, relações sociais e modos de compreender sua própria trajetória.

Foi justamente nesse retorno que a pesquisa encontrou seu principal problema antropológico. A escola registrava o período de ausência dos estudantes como uma interrupção do calendário escolar, exigindo reorganização das atividades pedagógicas, avaliações e estratégias de recomposição das aprendizagens. Segundo Everson: “A escola tem que conhecer a cultura para não pensar que o aluno está na aldeia por vontade...na verdade está passando por um ritual”. Na perspectiva A'uwẽ Uptabi, contudo, aquele mesmo período correspondia a uma etapa indispensável da formação da pessoa. O que para uma instituição aparecia como ausência, para a outra constituía presença plena em um processo formativo socialmente reconhecido.

Essa diferença não deve ser interpretada como uma oposição entre escola e Danhõnõ, nem como um conflito inevitável entre dois sistemas culturais. A convivência etnográfica mostrou que os próprios jovens transitavam entre esses contextos sem concebê-los como mundos isolados. Ao regressarem à escola, não deixavam de participar do processo formativo vivido no território. As aprendizagens construídas durante o Danhõnõ permaneciam presentes em suas relações, em suas responsabilidades e na maneira como interpretavam sua própria experiência. O retorno à cidade não suspendia esse processo; apenas deslocava o contexto no qual ele continuava produzindo efeitos.

Foi nesse momento que também se tornaram evidentes os limites de uma compreensão da educação centrada exclusivamente na instituição escolar. O calendário letivo organiza tempos, conteúdos, avaliações e formas específicas de produzir aprendizagem. O Danhõnõ, por sua vez, organiza outras temporalidades, outras responsabilidades e outros modos de formar a pessoa. A etnografia não mostrou a prevalência de um processo sobre o outro, mas a coexistência de diferentes processos de formação que atravessam simultaneamente as trajetórias desses jovens.

Como sugere Clarice Cohn, diferentes formas de aprender produzem diferentes modos de compreender o mundo. A etnografia aqui apresentada amplia essa discussão ao mostrar que essas formas de aprendizagem não permanecem restritas ao território indígena, mas continuam constituindo as trajetórias dos jovens quando regressam ao contexto escolar urbano.

Ao acompanhar o retorno dos estudantes à Escola Estadual Professora Alda Gawlinski Scopel, foi possível observar que professores e equipe gestora passaram a construir estratégias para garantir a continuidade da escolarização sem desconsiderar a participação dos jovens no Danhõnõ. A elaboração de atividades de recomposição das aprendizagens, posteriormente sistematizadas no âmbito do Plano de Recomposição das Aprendizagens e Compensação das Ausências (PRACA), representou uma tentativa institucional de responder a uma realidade que escapava às formas convencionais de organização do calendário escolar. Mais do que recuperar conteúdos, esse movimento colocava em evidência a necessidade de reconhecer que diferentes processos formativos continuavam atuando sobre a experiência daqueles estudantes.

A contribuição desta etnografia, portanto, não consiste em afirmar que a escola deva incorporar o Danhõnõ como conteúdo curricular, nem que o processo ritual possa ser compreendido a partir das categorias escolares. O que o trabalho de campo evidencia é que as trajetórias dos jovens A'uwẽ Uptabi se constituem na coexistência entre diferentes processos de formação, cada qual organizado por temporalidades, autoridades, responsabilidades e formas de aprendizagem próprias. A escola deixa de ser compreendida como referência exclusiva da formação e passa a ser reconhecida como um dos espaços nos quais esses processos se encontram, se negociam e, por vezes, se tensionam.

Ao deslocar a análise da instituição escolar para os processos relacionais que constituem a pessoa, esta pesquisa aproxima-se das reflexões de Beatriz Perrone-Moisés sobre os modos ameríndios de produção de relações. O que a etnografia evidencia é que os jovens não transitam entre identidades ou mundos separados, mas permanecem sendo continuamente constituídos nas relações que atravessam diferentes processos de formação.

É justamente nessa coexistência que reside a principal contribuição deste artigo para a Antropologia da Educação. Ao seguir os interlocutores entre cidade e território, a etnografia desloca o foco da circulação espacial para os processos de formação que constituem a pessoa A'uwẽ Uptabi. Mais do que descrever deslocamentos entre aldeia e cidade, interessa compreender como esses jovens produzem suas trajetórias vivendo simultaneamente diferentes temporalidades, aprendizados e formas de pertencimento, sem que uma anule ou substitua a outra.

4. Considerações finais

O percurso desenvolvido neste artigo teve início com uma pesquisa voltada às trajetórias de estudantes indígenas matriculados em uma escola pública urbana. Entretanto, ao seguir os próprios interlocutores em seus deslocamentos entre cidade e território indígena, a etnografia conduziu a investigação para uma questão distinta daquela inicialmente formulada. Compreender as experiências desses jovens exigiu ultrapassar os limites da escola e acompanhar os processos de formação que organizam suas vidas para além do calendário escolar.

Ao longo do trabalho de campo, tornou-se evidente que o Danhõnõ não poderia ser compreendido apenas como um ritual de iniciação, assim como a escola não poderia ser tomada como referência exclusiva para interpretar as trajetórias formativas dos jovens A'uwẽ Uptabi. A etnografia revelou que ambos integram uma trama mais ampla de processos de formação que coexistem, se articulam, se tensionam e se transformam mutuamente. É nessa coexistência — e não na oposição entre ritual e escola, aldeia e cidade ou tradição e modernidade — que se constituem as experiências formativas acompanhadas nesta pesquisa.

Esse deslocamento produz implicações importantes para a Antropologia da Educação. Em vez de perguntar como a escola pode incorporar saberes indígenas, a experiência etnográfica convida a formular outra questão: o que acontece quando reconhecemos que a escola é apenas um entre diferentes processos de formação que atravessam a vida dos sujeitos? Essa mudança de perspectiva desloca o debate da inclusão de conteúdos culturais para o reconhecimento da legitimidade de distintas formas de produzir pessoas, conhecimentos, responsabilidades e pertencimentos.

Nesse sentido, a pesquisa também dialoga com os debates contemporâneos sobre justiça epistêmica e decolonização da educação, ao evidenciar que os processos formativos A'uwẽ Uptabi não podem ser compreendidos como conhecimentos complementares ao currículo escolar, mas como modos próprios de organizar o tempo, a aprendizagem e a constituição da pessoa. A contribuição da etnografia não consiste em hierarquizar esses processos, tampouco em propor sua fusão, mas em demonstrar que eles coexistem e continuam produzindo efeitos sobre as trajetórias dos jovens, inclusive quando estes regressam ao contexto escolar urbano.

Ao acompanhar os interlocutores antes, durante e depois do Danhõnõ, este artigo buscou mostrar que as experiências formativas dos jovens A'uwẽ Uptabi não se organizam em torno de fronteiras fixas entre escola e aldeia, cidade e território ou educação formal e formação tradicional. Elas se constituem em uma trama contínua de relações, temporalidades e aprendizados, cuja complexidade somente se torna visível quando a pesquisa aceita ser conduzida pelos percursos dos próprios interlocutores.

Ao privilegiar as interpretações produzidas pelos próprios interlocutores e colocá-las em diálogo com a antropologia, este artigo propõe compreender a formação da pessoa A'uwẽ Uptabi como um processo relacional, corporal e coletivo, cuja inteligibilidade não pode ser reduzida às categorias da escolarização, mas exige reconhecer a coexistência de diferentes processos de aprendizagem e de tornar-se pessoa.

É precisamente nesse movimento que reside a principal contribuição deste trabalho para o GT 62 da 35ª Reunião Brasileira de Antropologia. Ao partir da etnografia, o artigo propõe ampliar o próprio conceito de formação mobilizado nos debates sobre educação básica, reconhecendo que compreender as trajetórias de estudantes indígenas implica reconhecer a coexistência de diferentes processos formativos socialmente legítimos. Mais do que um estudo sobre o Danhõnõ ou sobre a escola, trata-se de uma reflexão antropológica sobre aquilo que a etnografia torna visível quando seguimos os interlocutores e permitimos que suas experiências reorganizem as perguntas da pesquisa.

Ao seguir os percursos dos próprios interlocutores, a etnografia evidencia que compreender as trajetórias dos jovens A'uwẽ Uptabi implica reconhecer que diferentes processos de aprendizagem, de formação e de constituição da pessoa continuam coexistindo muito além das fronteiras entre aldeia e escola. É nesse deslocamento analítico que reside a principal contribuição deste trabalho para a Antropologia da Educação.

5. Referências

- BANIWA, Gersem José dos Santos. Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- COHN, Clarice. Antropologia da criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- COHN, Clarice. Educação, cultura e infância: perspectivas antropológicas. Cadernos CEDES, Campinas, v. 35, n. 97, p. 333-344, 2015.
- DELGADO, Paulo Sérgio. Danhõnõ: ritual de iniciação e dinâmica social entre os Xavante. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.
- INGOLD, Tim. Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description. London: Routledge, 2011.
- KAMIKIAWA, Cassiana Oliveira da Silva. A indigenização da educação. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA, 6.; COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E INTERCULTURALIDADE, 4.; MOSTRA CORPO, EDUCAÇÃO E CULTURA, 14., 2025, Cuiabá. Anais [...] Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2025.
- LOPES DA SILVA, Aracy. Pequenos "xamãs": crianças indígenas, corporalidade e escolarização. In: SILVA, Aracy Lopes da; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela (org.). Crianças indígenas: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.
- MAYBURY-LEWIS, David. A sociedade Xavante. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- PERRONE-MOISÉS, Beatriz. O desenho do parentesco: notas para uma antropologia das formas sociais indígenas. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 539-573, 2006.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A fabricação do corpo na sociedade xinguana. Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, n. 32, p. 2-19, 1979.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.